



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC.
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Departamento de Fundamentos da Educação
Curso de Especialização em Psicopedagogia

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

ANA ISABEL BARBOSA BEZERRA GOUVEIA

FORTALEZA - Ce.
Junho – 2007.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

ANA ISABEL BARBOSA BEZERRA GOUVEIA

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia como requisito parcial para obtenção do título de Especialista pela Universidade Federal do Ceará.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que seja feita conforme as normas da ética científica.

Ana Isabel Barbosa Bezerra Gouveia

Monografia aprovada em: _____/_____/_____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira – L.D

Coordenadora / Orientadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
Capítulo 1: O QUE É VIOLÊNCIA?	06
1.1: Gênese da Violência e seus Fatores	08
1.1.1.Fatores Individuais	09
1.1.2.Fatores Familiares	11
1.1.3.Fatores Sociais	15
Capítulo 2: VIOLÊNCIA ESCOLAR	17
Capítulo 3: DESGASTE DO AMBIENTE ESCOLAR	21
Capítulo 4: VIOLÊNCIA EXTERNA – Escola em Estado de Sítio	25
4.1.: Armas na Escola	25
4.2.: Drogas Lícitas	28
4.3.: Drogas Ilícitas de Uso Ilícito	32
4.4.: Drogas Ilícitas:	33
4.5.: Gangues	34
4.6.: Relação Família, Escola e Violência	37
Capítulo 5: POLÍCIA NAS ESCOLAS	39
5.1.: Presença Policial: Benefício ou Malefício	39
5.2.: Pensando no Assunto	42
Capítulo 6: ESCOLAS INOVADORAS	44
6.1. Caracterização das Escolas Inovadoras	44
6.2. Uma História de Sucesso: Colégio Márcia Meccia, Salvador - Bahia	45
CONCLUSÃO:	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de um problema que aflige todos os brasileiros: **a violência**. Por ser este tema atual, complexo e extenso, está focado na violência escolar, que é um objeto de estudo interessante e fundamental para qualquer profissional da área educacional.

A violência no âmbito educacional é aterrorizante, pois surge dentro de um espaço que deveria estar imunizado, visto que é um local de formação, onde a aprendizagem é o objetivo maior. Na escola aprende-se a ser cidadão, a respeitar, a se desenvolver intelectualmente e não a praticar várias formas de violência. No entanto, este mal já adentrou seus muros e fez, faz e fará muitas vítimas, se a sociedade não se organizar para dar um novo caminho a esta realidade.

Muito há para se estudar a fim de se compreender porque chegamos a este ponto. Achar culpados não é o mais importante. Devemos é achar soluções que extermine ou amenizem a situação. Como encontrá-las não é fácil, pois este assunto é algo que não tem sua origem bem definida, podendo ter causas familiares, sociais ou até individuais.

A violência nas escolas que será aqui analisada, não se resume naquela apenas onde a integridade física é ameaçada ou violada, mas também na que agride os direitos e o respeito pelo o indivíduo. Para finalizar, serão abordadas algumas idéias interessantes, surgidas, neste cenário, que objetivam melhorar esta realidade preocupante que põe em risco a formação escolar de vários alunos.

Que todas as informações aqui presentes, sirvam como fonte de pesquisa para aqueles que, buscam através do conhecimento, encontrar alternativas que promovam as mudanças, tão almejadas, nesse quadro em que a educação brasileira se encontra, por que é primordial primeiramente conhecer para posteriormente agir.

Capítulo 1

O QUE É VIOLÊNCIA?

A violência é um tema que abrange muitos aspectos. Para que seja melhor compreendida é preciso se construir uma noção do que realmente pode ser inserido no entendimento deste vocábulo. Segundo o Aurélio, violência é qualidade de violento; ato de violentar ou ato violento. Tal definição nos faz refletir que toda ação que cause coerção, dano ou ameaça de prejuízo à integridade física ou patrimonial e até os direitos, sejam eles materiais, culturais ou simbólicos, são atos violentos, ou seja, violência.

Violência é um conceito relativo, histórico e mutável. Como categoria, nomeia práticas que se fixam entre as diversas formas de sociabilidade em certo contexto sócio-cultural, ficando assim, sujeita as várias interpretações.

Mesmo sendo considerada como algo assustador, muitas vezes, é banalizada pela própria sociedade, que por se conviver tanto ao seu lado, acaba vendo-a como algo comum, deixando de ser objeto de questionamento e ação. Esse problema não existe apenas na forma de crimes e delitos, ele passeia em nosso cotidiano, nossas mentes e almas, na forma de atitudes e sentimentos.

Este assunto é muito complexo e envolve várias opiniões em torno de sua conceituação. Roché (1994), afirma ser frágil a abordagem que restringe a violência como algo somente vinculado à integridade física. Adverte que dessa maneira se despreza a percepção do que é ou não ato violento e que nem sempre se baseia em fatos concretos e sim em sensações que circulam na sociedade.

Zaluar e Leal (2001), por sua vez, afirmam que a violência existe de vários tipos e exemplificam: negação da dignidade humana; ausência de compaixão e palavras emparedadas pelo poder. Ratificando que a violência vai além daquela que põe em risco à integridade física.

Atualmente ela apresenta-se sob várias formas e segue muitos caminhos, delineados com o passar dos tempos, de modo que já são considerados insustentáveis. E em meio a tantas ocorrências, um tipo vem se mostrando presente e enchendo de insegurança os corações dos brasileiros: a violência nas escolas.

Antigamente a escola era vista como recanto de paz e aprendizagem. Lá os filhos estavam seguros e ainda aprendendo coisas boas. Hoje, diante da situação que a mídia apresenta, este local ganhou outra face.

A violência educacional habita as escola contemporâneas como um reflexo do caos em que o Brasil se reconhece. São inúmeras as causas e conseqüências que desembocam nesta realidade. A escola não é mais apresentada como um espaço seguro de integração social, de socialização, ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. Os transtornos são sentidos pelos jovens, pelo corpo técnico-pedagógico e por toda sociedade. Os impactos são muitos. São prejudicados: a qualidade do ensino; os relacionamentos dos atores escolares e a compreensão de conceitos como respeito, cidadania, ordem, direitos.

Algumas escolas são historicamente, violentas, enquanto outras passam por situações conjunturais de violência. São situações que originam de um quadro institucional e social, o qual está sujeito a mudanças. É muito importante a

avaliação correta dos elementos ressoantes de violência, para se tomar as devidas providências, a fim de corrigir o quadro determinado.

1.1. Gênese da Violência e seus Fatores:

Quando pensamos em violência, e especificamente, a infanto-juvenil, tendenciamos a crer que esta se restringe às classes não favorecidas economicamente. Entretanto, sabemos que a verdade não é essa. Existe uma população de delinquentes em classes sociais mais abastadas, onde os indivíduos praticam atos ilícitos que nem sempre chegam aos ouvidos da coletividade ou sequer são punidos.

Os jovens que se destacam pela agressividade, podem ter um histórico de condutas hostis, que vem desde as idades mais inocentes, como no período da pré-escola. Esses comportamentos pouco amistosos são influenciados por fatores individuais, familiares e sociais. Em se tratando de fatores individuais, apontamos à questão do temperamento, do sexo, da condição biológica e da condição cognitiva.

A agressividade não pode ser vista como um transtorno psiquiátrico específico, pois antes de tudo reflete um sintoma de uma conduta desadaptada e, sendo assim, pode fazer parte de vários tipos de transtornos.

1.1.1. Fatores Individuais.

O temperamento é um fator individual muito importante. Ele é responsável pelo modo que o sujeito se relaciona com a realidade e pode até ser entendido como uma espécie de moderador das relações interpessoais. Ao analisá-lo observamos entre outros, a constituição moral do sujeito, tão precípua para a vida social. A moral é um conjunto de regras comportamentais ou hábitos julgados válidos, é repleta de moralidade.

Quando o homem é desprovido de conduta moral, passa a transgredir regras, a ignorar direitos, a não ter princípios. Então, presenciamos a violência. A personalidade também se destaca quando o assunto é temperamento. Ela é próprio de cada um e influencia nos relacionamentos.

Pessoas de temperamento mais ativo, intenso, irritável, têm maior probabilidade de reagir de forma inadequada ou exacerbada diante de pequenos obstáculos. Essa possibilidade poderia apontar riscos em potencial, no que diz respeito à violência. O sexo também aparece como fator individual, a partir do momento que possui peculiaridades que dão contribuições particulares nesse assunto.

O sexo masculino sempre teve a fama de agressivo se comparado ao feminino, porém, diante das mudanças sócio-culturais, este quadro permanece, mas não com a força de outrora.

Se nos remetermos à infância, observaremos que os meninos estão menos preparados psicologicamente que as meninas, para a vida em grupo e por causa disso, costumam ter mais dificuldades de adaptação e de orientação. Alguns estudiosos afirmam que o sexo feminino tende a desenvolver condutas cooperativas mais precocemente que o modelo masculino, para estes as condutas competitivas é que emergem mais cedo, o que favorece um estilo mais agressivo.

Existem trabalhos que buscam mostrar que a hostilidade materna é um catalisador de violência, já que fabrica indivíduos potencialmente agressivos e ainda aponta que o sexo mais propenso a permanecer como um ser violento é o varonil, pela constância de fatos, com números de casos bem mais neste, que no sexo feminino.

Não podemos esquecer da condição biológica, a qual também se mostra muito capital em relação as variantes do indivíduo. Constata-se que o transtorno de déficit de atenção por hiperatividade está vinculado com a disfunção de dopamina nos circuitos frontal-estriados e anomalias no sistema da serotonina, os quais são associados com a agressividade.

As estruturas límbicas e os lobos frontal e temporal são os centros onde estão localizadas as áreas ligadas à expressão da agressividade. Por isso, é necessário um bom desenvolvimento destas partes, uma interferência no padrão, poderia favorecer condutas violentas.

Problemas como a impulsividade, a dificuldade de concentração e o baixo desempenho escolar, podem ser interligados a déficit nas funções executivas cerebrais, localizados nos lobos frontais. Tais funções incluem a manutenção da

atenção e concentração; o raciocínio abstrato; a formação de conceitos; a determinação de metas; a previsão, o planejamento, a programação e a iniciação de seqüências propositais de conduta motora; o automonitoramento; os comportamentos autoconscientes e eficazes e, principalmente, a inibição de procedimentos inadequados ou impulsivos, como os agressivos.

E finalmente, a condição cognitiva. Segundo Salzer, Lairde e Dodge.(1999), algumas consciências relacionadas às representações mentais da memória e de experiências vividas, podem ter parcelas implicativas no controle ou descontrole do comportamento agressivo. Um sujeito que tem lembranças de acontecimentos hostis vivenciados por ele, possui tendência a reagir de modo não amistoso, interpretar situações de duplo sentido ou neutro como se fossem ameaçantes e com tudo isso, responder de forma violenta.

1.1.2. Fatores Familiares.

A família é fator decisivo no desenvolvimento do indivíduo. Ela é uma variante responsável muitas vezes, pelo comportamento deste. Pais com traços anti-sociais da personalidade, além de não passarem uma imagem amistosa e meritória, podem ter dificuldades para dar sinais de aprovação, estímulo para bons comportamentos, de ensinar o que é respeito, espaço social e para disciplinar apropriadamente, sem excessos de superproteção ou intolerância, formando assim indivíduos despreparados para a vida coletiva.

As mães aparecem, em certos casos, como fabricantes principais de indivíduos com condutas indesejáveis, onde se desconhece a responsabilidade e o limite. Tudo isso, fruto de atitudes superprotetoras, negligentes, que acabam por criar criaturas intolerantes às frustrações. A consequência deste quadro para a sociedade é o crescimento desenfreado de roubos, latrocínios e seqüestros. Pessoas que fazem de tudo para conseguir o que quer, dando ênfase somente ao seu eu, a sua vontade.

Algumas pessoas envolvidas em quadros de violência, não aprenderam as habilidades sociais precípuas para o relacionamento com os outros, são indisciplinadas para lutarem por seus objetivos e em nenhuma hipótese aceitam críticas. Essa conduta é um modelo aprendido no contexto doméstico.

Mas, por que será que a família ao invés de atuar de modo positivo, muitas vezes é fator determinante de seres de comportamentos negativos? Essa é uma questão complicada que envolve muitos fatores. São eles: despreparo dos pais, modelos quebrados de instituição familiar, paradigmas violentos, entre outros.

A despreparação dos pais observa-se desde o planejamento familiar. Muitas crianças são concebidas casualmente, sem serem aguardadas. A notícia da gravidez é como uma bomba em certos lares. Quando o bebê nasce não encontra um casal estruturado para mantê-lo, ainda mais para educá-lo. À medida que cresce, vai sendo jogado em creches que funcionam como depósitos humanos e assim o tempo vai passando. O convívio familiar é algo que deixa muito a desejar. Exemplos de conduta, de responsabilidade, cidadania e afeto, são negligenciados em nome do stress da vida moderna ou simplesmente por estes responsáveis já serem o resultado de criações assim, de pais sem a cultura necessária para formar

peças de bem, com idéias positivas para eles próprios e sem saber dar o amor e o apoio familiar, tão propício ao ser humano.

Os modelos de instituições familiares quebradas são outra questão não solvida. Antigamente a maioria das famílias, por mais imperfeitas que fossem eram compostas por pai e mãe, no mínimo. Nos tempos modernos, esse retrato modificou muito. As mães solteiras não são mais em pouco número. Elas marcam presenças na sociedade e cada vez mais novas, o que resulta numa outra mudança: os avôs como papel de pais. As jovens por continuarem solteiras moram com seus pais, que assumem o neto como se fosse um filho. Nesse tipo familiar, às vezes, fica difícil para a criança saber quem é a autoridade maior, gerando conflitos. Outras vezes a família é composta somente pela mãe, abandonada ou separada do marido, ou também pela avó materna. Enquanto a mãe trabalha, o filho é criado pela avó, quando esta tem possibilidade, pois caso contrário, ficam sozinhos ou com vizinhos.

Nesses tipos de famílias quebradas, onde falta uma estrutura familiar organizada, a educação costuma ser tumultuada. A falta de um ambiente onde pai e mãe trabalham juntos para dar uma educação correta, fica desfalcada pela ausência paterna, que não tem participação ou não atua de modo satisfatório. Este comportamento do pai, certas vezes, faz com que a mãe crie uma imagem negativa dele para o filho, que se revolta e acaba tendo condutas agressivas com os outros.

Nesses tipos de organizações domésticas é muito mais difícil a educação de um ser. Os adultos devem ter uma compreensão de que é necessário orientar e vigiar de modo constante, pois numa família “quebrada” as crianças estão

mais vulneráveis aos desvios de comportamento, visto que ficam mais tempo longe de olhos protetores ou são discriminadas por alguns.

Não podemos esquecer dos paradigmas violentos, os quais podem ser encontrados na própria casa, se o pai é infrator das leis; em horas de lazer, quando nos deparamos com jogos de violência (vídeo-game); na TV, quando vemos a impunidade de traficantes, bandidos de um modo geral.

Os jovens são muito fáceis de serem iludidos. Os modelos violentos podem criar uma concepção errônea dentro das suas mentes, de modo que o que é muito errado para a sociedade, pode ter outro significado para eles. Existem uns que vêm na figura do traficante um herói, que luta da maneira que pode para dar o melhor para si e sua família e que eles não passam de vítimas de um governo injusto, onde os ricos são mais ricos e os pobres são mais pobres.

Quando os modelos violentos estão dentro de casa, é maior o perigo, pois há uma banalização do errado e do quanto este atinge o outro. Pais infratores fazem filhos acostumados à corrupção. Isto resulta em escroques ou até coisas piores. Qual a moral que estes genitores possuem para apontar falhas de atitudes? Na maioria das vezes, eles mesmos nem reconhece ações anti-sociais. Nesse grupo doméstico não há como educar, pois as noções de cidadania não foram absorvidas pelos orientadores do grupo. A impunidade, mostrada na televisão, só reforça os pensamentos de que o crime pode ser uma opção para os desfavorecidos economicamente, procrastinando o futuro de um país melhor.

Ainda existem os vídeos-games com seus jogos violentos. Esse assunto gera muita discussão. Psicólogos já mencionaram que alguns jogos podem influenciar jovens de personalidade instável. Essa influência é muito perigosa, já existem casos de violência extrema associadas a este tipo de jogo, aqui no Brasil e ao redor do mundo.

Por isso, a família deve estar atenta. Não importa quem a acompanha, o importante é que todos sejam unidos, pois em um lar onde existe amor e apoio o resultado é benefício para todos.

1.1.3. Fatores Sociais.

Existem muitos fatores sociais que atuam de modo negativo, na formação comportamental dos jovens. Algumas visões em relação à delinquência infanto-juvenil apontam o sentimento de desamparo, típico da modernidade cultural, onde a falta de credibilidade generalizada dos valores tradicionais, como família, religião, escola, trabalho e outros, leva a buscar incansavelmente a satisfação do prazer pessoal em relação aos ideais coletivos. Nesse cenário o sistema de produção, o paradigma de prestígio pessoal e dos ideais de consumo substituem ou exterminam qualquer meta pessoal que não se encaixe nestas referências.

As drogas também aparecem como catalisadores de violência. Sabe-se que estas substâncias têm o poder de transformar qualquer um, com suas reações

químicas. O seu uso faz com que o indivíduo tenha momentos de extrema violência, seja pela falta da droga no organismo ou até mesmo pelos seus efeitos.

A política age igualmente como fator formador de elementos violentos, a partir do instante que nega a criança e ao adolescente possibilidade de um presente e futuro dignos. Há um descaso com a educação, a saúde e as políticas públicas. Os frutos são as desigualdades sociais, as quais deixam as classes econômicas distantes uma das outras e evidencia os padrões sociais opressivos, onde quem tem mais, se vê de modo superior a quem tem menos.

A impunidade dá sua parcela de contribuição, a partir do momento que oferece uma proteção ao infrator. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) serve como proteção ao menor, porém, muitas vezes, acoberta menores infratores, os quais fazem o errado, sabendo que estão protegidos, pelo estatuto, que não pune como a sociedade precisa.

É preciso que o governo e a sociedade se unam para o combate expressivo da criminalidade e da violência. Os políticos devem investir em programas preventivos nos fatores de risco, para melhorar a saúde física e mental, do indivíduo, valorizando a auto-estima e estimulando o sucesso na vida, em áreas como a educação, moradia, trabalho e cidadania. Assim, estaremos trabalhando em prol de um mundo mais tranquilo, justo e longe da violência.

Capítulo 2

VIOLÊNCIA ESCOLAR

Nosso país é muito bonito e rico em riquezas naturais, orgulho para muitos. No entanto, possui inúmeros problemas que contribuem de forma feroz no agravamento, talvez, da maior mazela da humanidade: **a violência**. Discutir sobre essa doença do século XXI, é filosofar sobre o ser humano, os problemas sociais, a política, enfim, é meditar sobre a vida em todos os sentidos.

Em nossa época, a violência é tão presente que, muitas vezes, não nos horroriza. Furtos, assaltos, latrocínios, balas perdidas, espancamentos... São tantos modelos que nos fazem pensar: Será que há solução para tudo isso? Então é nesse momento que direcionamos todas as nossas esperanças para o jovem, o futuro do amanhã, o que irá governar um novo mundo, uma nova nação. Mas qual é o jovem que está sendo construído para por fim nesse problema que vivemos?

O jovem contemporâneo, a maior parte, vive em um processo de exclusão social e econômica, a eles está sendo negada a própria identidade juvenil, a qual deveria ser objeto de políticas públicas e programas específicos. Dessa forma, tornam-se alvos privilegiados da violência, pela condição de vulnerabilidade social que se encontram.

A escola é um recinto de aprendizagem, de forma cultural, onde a criança é acompanhada desde cedo para através dos conhecimentos se tornar um cidadão e buscar um futuro digno. Mas, este ambiente que era para estar imune a esse mal, o presença de tal forma, que a sociedade já se demonstra preocupada em

relação às violências ocorridas dentro dos ambientes escolares, pois afetam de forma direta, alunos, professores, diretores e toda a equipe técnico-pedagógica, prejudicando o relacionamento entre todos, a qualidade de ensino, o desempenho dos estudantes e o interesse pelo saber. Isso chega a ser assustador, pois todos sabem que a educação é à base de um país provedor de justiça e igualdade para todos.

A violência nas escolas se apresenta como uma problemática que exige muita atenção. É crescente a idéia de que estes recintos estão se tornando verdadeiros territórios de agressão e conflitos. As pessoas de um modo geral tendem a considerar este tipo de violência como um fenômeno social novo, o qual foi se agravando com o passar dos tempos. Historicamente falando, isso não procede. Estudos mostram que nas décadas de 50 e 60, já existiam registros de modos de relacionamentos violentos entre alunos das escolas profissionais, segundo Charlot (2002). A violência nem sempre é produzida dentro do ambiente escolar, muitas vezes é refletida nele, por ser um lugar vulnerável a vários tipos de processos, inclusive à exclusão social, situação esta decorrente de várias mudanças pelas quais passam as escolas.

Uma dessas transformações refere-se ao acesso escolar de forma massificada, desacompanhada de uma educação de qualidade, iniciado intensamente em 1990, focado principalmente no ensino fundamental. Nesse tempo parecia que o importante era quantidade e não qualidade. Sabemos que a democratização do acesso ao ensino, além de desejável é importante e essencial, contudo este acesso de forma desordenada força a instituição a se adequar à nova demanda de clientes de maneira, na maioria das vezes, abaixo das expectativas, proporcionando um trabalho desqualificado. O resultado é que ao invés de

funcionar como meio de inclusão, se depara com desigualdades e finda reforçando-as. Isso é claramente perceptível quando são comparados estabelecimentos de educação privada e pública, nas diversas regiões.

Em certas escolas, observa-se que o jovem é reduzido a mais uma peça que completa o ambiente passando despercebida sua verdadeira identidade social e cultural. Essa visão seria um dos primeiros dados a figurar a lista dos facilitadores da violência escolar. Segundo Abramovay (2003), esta cultura escolar é baseada em uma violência institucional, fundamentada na inadequação de inúmeros aspectos que formam o cotidiano escolar, como o sistema de normas e regras, que por vezes são autoritárias; as formas de convivência; o projeto político-pedagógico; os recursos didáticos disponíveis e a qualidade do ensino.

O jovem precisa de uma educação qualitativa, com um preparo estrutural e cultural, para que sua formação seja bem acompanhada. Conduzir ao saber é mais que encher salas de aula, é formar indivíduos capazes. É muito importante que a sociedade olhe para as escolas de modo crítico. O fenômeno da violência nestes ambientes já é preocupante e desperta o interesse de muitas pessoas por afetar todos os membros da comunidade escolar e principalmente o país, interfere na formação dos indivíduos que futuramente serão a esperança do nosso Brasil.

A violência escolar possui causas e conseqüências diversas. Estudar o assunto é complexo, pois o que pode ser definido de violência para um, pode não ser para outro, dependerá do lugar em questão, do status de quem fala, da idade e, talvez, do sexo.

Para Derbadieux (1999), existem três dimensões sócio-organizacionais opostas, associadas à violência na praxe escolar. A primeira está vinculada à degradação no ambiente escolar; a segunda refere-se à violência surgida do lado externo e trazida para o seu interior, tornando-as sitiadas e a terceira está relacionado a componentes específicos de cada estabelecimento de ensino.

Capítulo 3

DESGASTE DO AMBIENTE ESCOLAR

O desgaste do ambiente escolar manifesta uma violência institucional, que se expõe de acordo com a organização do local de ensino, seu funcionamento e principalmente, em como os alunos são tratados, Charlot (2002).

Abramovay (2003), afirma que os relacionamentos entre os membros da escola se constitui em um dos indicadores usados para mensurar e classificar o clima escolar. Os atributos das relações sociais, ao lado da gestão escolar e dos demais fatores de influência sobre a conduta desta comunidade como um todo, contribuem para a existência de um melhor ou pior clima na escola. Esse clima é como se fosse uma espécie de termômetro dos relacionamentos.

O ambiente propagador de ensino, é um lugar de socialização, onde ocorrem encontros, consolidam-se amizades, enfim, onde são criadas relações afetivas e de respeito. Entretanto, os jovens são desacreditados por professores e diretores, no tocante à confiança. É bem mais fácil o elo de confiança entre os próprios alunos e a família, que entre eles e os membros da instituição. Mas por que isso ocorre?

De acordo com Dayrell (2002), professores e alunos possuem expectativas diferentes entre ambos. De fato isso ocorre, mas cabe ao profissional buscar compreender o estudante, sua exclusividade, suas dificuldades. Essa é uma forma de se aproximar da cultura juvenil e assim iniciar a caminhada rumo à confiança.

Os discentes possuem muitas queixas em relação aos docentes: faltas, impaciência, não existência de diálogo, incompreensão, desrespeito... Tais queixas são fundamentadas e por isso, não podem ser ignoradas. A falta de valorização da educação no Brasil influencia bastante nestas condutas. O profissional que não é bem remunerado, normalmente não encontra estímulo para desempenhar um trabalho excelente. Porém, isto não justifica o comportamento. Existem professores que expõem suas expectativas negativas sobre seus alunos, tornando-os alvos de preconceitos e palavras de desestímulo, prejudicando ainda mais a relação entre ambos. Contudo, é necessário que fique muito claro que, também existem estudantes que colaboram para a sobrevivência desta relação sem vínculos e que este número não é insignificante. Muitos faltam, outros não demonstram interesse pelos estudos e ainda existe a “famosa” indisciplina.

O vazio que permeia a relação aluno x professor, acaba dando margem a comportamentos qualificados como agressivos. Obviamente a ausência de um relacionamento ideal não é a única causa, mais podemos classificá-la de causa básica. A partir do momento que o discípulo não vê no mestre a figura de um amigo, mas de um indivíduo impaciente, que não dialoga, não preza o respeito, este corre o risco de não existir, dando oportunidade para as desobediências, as piadinhas, a falta de compostura, os xingamentos, o negligenciamento de regras...

Esta conduta reprovável demonstra uma violência menos agressiva do que a que o próprio nome impõe, mas não deixa de ser violência.

As relações entre os alunos e os outros funcionários, merecem uma atenção especial, já que estes exercem uma função estratégica na rotina escolar. O trabalho deles é considerado difícil, visto que se refere ao controle do que ocorre no

espaço da escola, implicando em, quase sempre, um enfrentamento com os alunos. Na maioria das vezes possuem a obrigação de fazer valer as normas, que não necessariamente, são acatadas pelos estudantes, gerando desgastes e tensões entre ambos.

A carência de funcionários é um dos problemas que as escolas brasileiras encontram. Essa deficiência de pessoal para auxiliar na organização e controle dos espaços causa um transtorno nas relações entre os atores escolares. Outro problema observado é a ausência de preparo para lidar com estes jovens. Muitos não sabem como se portar, resultando numa convivência conflituosa. Contudo, é essencial que se deixe explícito que embora estes acontecimentos façam parte de nossa realidade, existem aqueles que são muito preparados e dispõe de todo o conhecimento necessário para desenvolver uma convivência harmoniosa com estes jovens.

O relacionamento entre os alunos e diretores é mais um capítulo a parte nesse assunto. Nele reina o total distanciamento. Às vezes, os próprios educandos não conhecem o(a) diretor(a). Isso parece absurdo, mais é real. A invisibilidade da direção acarreta conseqüência nas relações de toda a comunidade escolar. São os professores que acabam fazendo a ponte de comunicação neste relacionamento e esta responsabilidade os sobrecarregam. Todavia quando o(a) dirigente é presente, pode se apresentar outro obstáculo: a intolerância para ouvir de mente e coração aberto os estudantes. Não raramente, são tratados com descaso e até desrespeito, o que evidencia um estabelecimento educativo que não sabe cuidar dos jovens e não os considera parte dele. É comum nesses casos: autoritarismo, abuso de poder, inexistência de oportunidades para a participação estudantil e outras condutas reprováveis.

O que fica transparente é que escolas assim, necessitam de uma mutação rigorosa na sua estrutura humana: os profissionais. Lidar com jovens não é uma das tarefas mais fáceis. Precisa-se de pessoas dispostas a enfrentar uma relação prazerosa, mas que pode ter os seus conflitos. Tais divergências deveriam servir para delinear este novo relacionamento e não para destruí-lo.

O elo entre os atores escolares serve tanto para estimular, como para minimizar as situações de violência. São imprescindíveis atividades associativas que ampliem a participação cidadã destes jovens, não só dentro da escola, mas também do seu lado externo. Essas atividades deveriam incitar a amizade e a relação cordial entre o(a) diretor(a), os alunos, os professores e os outros funcionários. Dessa forma o espaço escolar seria visto como algo mais satisfatório e aconchegante.

Delors (2001) argumenta que os desafios da educação é auxiliar o ser, nos processo de aprendizagem no que diz respeito a ser, fazer, a conviver e a conhecer. De acordo com Delors, a escola possui um papel fundamental, que é o de proporcionar o desenvolvimento das habilidades indispensáveis para a convivência em sociedade, para a formação de um cidadão crítico. Essa educação é analisada como meio de inclusão e mobilidade social.

Por tudo isso, é indispensável que haja um investimento na qualidade das relações sociais. Essa atitude é incontestável, para a constituição de um ambiente escolar que almeja a distância da prática de atos violentos. Este é o primeiro passo, cabe a cada um saber dá-lo.

Capítulo 4

VIOLÊNCIA EXTERNA: Escola em Estado de Sítio.

Existem vários fatores que facilitam a disseminação da violência nos âmbitos escolares. Estas variáveis são identificadas tanto no interior quanto na parte externa destes locais. Analisando especificamente seu lado externo, observamos que algumas variáveis se destacam por exercerem uma influência considerável para o firmamento do quadro de violência escolar. São elas: armas; drogas; gangues; relação família, escola e violência.

4.1. ARMAS NA ESCOLA

As armas possuem dois aspectos no que se refere à violência. O primeiro é o de ser geradora de violência extrema, como ferimentos e mortes; o segundo mostra uma violência mais abstrata, menos evasiva, mas não menos assustadora. Trata-se de intimidação e medo, onde se exclui o diálogo e impõe-se a força.

Na análise do contexto escolar e dos variados tipos do ato de violentar, temos que considerar armas de formas ampliadas. Nessa perspectiva, destacamos como armas:

- As de fogo: revólveres, pistolas, espingardas...
- As Brancas: facas, punhais, canivetes, tesouras...

O fato das armas estarem associadas à violência de modo geral, ajuda a propagar o sentimento de medo e mesmo não sendo classificadas como causa predominante de violência nas escolas, somente sua presença já é capaz de aterrorizar quem quer que seja.

O canivete é a arma mais fácil de ser vista em uma escola, pois é de fácil aquisição, é barata e não possui problemas para ser camuflada, podendo se passar como um simples utensílio. O número de alunos que já viram uma arma na escola nos conduz a refletir sobre as formas de acesso e os porquês de tais objetos adentrarem nestes locais.

Há variadas incitações na mente estudantil que serve como justificativa para portar armas. Uma delas é a intenção de intimidar para impor respeito. O objetivo é criar uma imagem que o outro tema e conseqüentemente, diluído no medo, o respeito. Tal conduta é uma amostra de uma cultura espelhada na violência, que impõe paradigmas como o de ser durão para ganhar respeito. A busca pelo um lugar na sociedade, onde todos o respeitem, incentiva o adolescente a ter como referência o bandido. Este modelo é resultado de uma mudança social pobre, onde valores de autonomia, consumo e poder, se materializam como protótipo de herói e coragem, firmado inclusive pela covardia contra o outro, de acordo com Zaluar (2004). Também podemos destacar o fato das armas, para alguns, ser instrumento de demonstração de força e virilidade, caracteres que evidenciam a masculinidade do indivíduo.

Já o sexo feminino demonstra outro objetivo com o porte de armas, onde o principal deles é a proteção, a legítima defesa. Em companhia destes objetos, são invadidas por um sentimento de segurança e encontram forças para

transitar tranquilas neste mundo violento, por outro lado esta motivação nem sempre é verdadeira. Muitas vezes por detrás deste motivo inocente há um totalmente diferente, relacionado ao revide de agressões, acerto de contas ou até passional.

O porte de armas é repudiável, não só por causas geradoras de violência explícita, mas porque os manuseantes, especialmente nesse caso, estão sujeitos a causar mais acidentes e incidentes.

A associação entre armas, violência e escola resultam num sentimento de insegurança entre todos que compõem a comunidade escolar. A escola passa a ser diagnosticada como algo desprotegido e ainda mais se não dispõe de mecanismos de proteção. Tal sensação é fortalecida quando se confirma a influência de fatores externos à rotina escolar, como a invasão de elementos armados e estranhos à instituição. Isso requer dos funcionários medidas de defesa aos alunos. Entretanto, é difícil visionar de modo límpido as fronteiras entre a violência fora e dentro da escola.

Este ambiente onde o objetivo é evoluir intelectualmente, não pode ser focado apenas como algo que reflete a sociedade, pois nele são formados cidadãos e como cada sujeito possui suas especificidades a violência encontra sua própria dinâmica.

É indispensável o fim do porte de armas no contexto escolar. Sua presença é um pontapé para a cultura violenta que conhecemos. Mudanças são precisas em certos pensamentos e conceitos. Imaginar que intimidação traz respeito é pura ilusão. Respeito se conquista e não se impõe. Ter como referência o bandido é preocupante. É um reflexo da atual condição que o Brasil vivencia, e por isso a

família faz toda a diferença entre o certo e o errado. Outro fato que nos chama à atenção é a violência de armas e autodefesa. O efeito pode ser o contrário. O portador torna-se um alvo em potencial gerador de violência ou de acidentes e incidentes, visto que se trata de pessoas destreinadas para o manuseio de objetos tão perigosos.

A escola tem que estar atenta em como as armas adentram seu território, pois é sabido que a via de acesso são os próprios alunos, ou seja, vem do externo para o interno. Nesse momento ela se torna responsável para encaminhar medidas preventivas e interventivas, de modo que esta atitude dos adolescentes mude. Se a escola e a sociedade se unissem, esta força seria implacável contra qualquer situação que abalasse o equilíbrio da instituição.

4.2. DROGAS LÍCITAS.

Existem dois tipos de drogas lícitas: o álcool e o tabaco. São encontrados facilmente e de vários tipos e preços. A indústria que os fabricam movimenta muito dinheiro e talvez, seja por isso que a fiscalização em relação a eles é menos agressiva do que mereciam.

Em relação ao álcool podemos afirmar que o seu consumo é comum em todas as civilizações e aceito sem problemas pela sociedade. Se estudarmos a história da humanidade, constataremos o seu uso tanto nas comemorações oficiais quanto nas religiosas. Um fato curioso é que na antiguidade o álcool era utilizado de modo terapêutico como anestésico. Atualmente, quando falamos de bebida

terapêutica, lembramos do vinho, mas para benefícios em longo prazo e não imediatos, e ainda assim se consumido de forma moderada. Contudo é importante deixar claro que da mesma forma que a vida humana evoluiu a composição etílica também. Hoje as bebidas são muito mais fortes, ou seja, o teor de álcool ficou bem mais elevado, e sendo assim, o seu consumo deveria ter se modificado, tornando os usuários mais cautelosos. Pena que isto não ocorreu.

O jovem contemporâneo está descobrindo os líquidos alcoólicos mais cedo, e isto não só se confirma no Brasil. É muito intranquila esta realidade, já que para estudar se precisa de raciocínio e concentração, fatores que o consumo etílico prejudica. Os alunos que se expõem a este tipo de bebida regularmente estão mais sujeitos a atrasos no desenvolvimento, a prejuízos cognitivos, ao alcoolismo, doenças de modo geral.

Há uma multiplicidade de fatores associados que dão sentido ao consumo desta bebida espirituosa entre os adolescentes. Os mais conhecidos são o prazer temporário do consumo; sua capacidade de desinibir e estimular relações, servindo como uma espécie de mediador social e a impressão de maturidade, como significasse que não são mais crianças. As influências também são muitas. A mídia hipnotiza com seus comerciais produzidos, os amigos incentivam e, às vezes, o próprio indivíduo pensa de maneira errônea, achando que essa prática prova algo a sociedade ou ainda, possui curiosidade... Enfim, são vários exemplos.

Estudantes que consomem bebidas na escola, colocam em risco todos que a freqüentam. Pessoas alcoolizadas podem ficar violentas e nesse momento fica claro o perigo. Muitas brigas e atos violentos registrados nas escolas estão vinculados ao álcool, deixando nítido a ligação entre álcool e violência.

A família é capital em relação este tema. Seus exemplos e conselhos ajudarão na forma de pensar do adolescente, fazendo-o compreender os malefícios dessa prática. A escola também não pode se omitir. A educação também tem que partir dela. Aulas, palestras, seminários, debates... Existem uma gama de alternativas que podem ser trabalhadas em benefício próprio e dos alunos. Mentes esclarecidas geram alunos competentes e cidadãos conscientes.

Tudo isso é importante porque embora não seja vendido dentro dos estabelecimentos de ensino, eles podem invadi-lo por meio dos alunos, ou camuflado para na primeira oportunidade ser ingerido ou já na corrente sanguínea. Uma vez dentro destes locais o perigo se instala. Alunos com características violentas sob o efeito de bebidas etílicas estão mais propensos a brigas e discussões, o que pode estender para as vinganças. Já em relação ao tabaco, podemos argumentar que é uma planta originária das Américas, que começou a ser usada 1000 a.C. No Brasil, sua introdução se deu por influência indígena das tribos tupis-guaranis.

De acordo com a organização mundial de saúde (OMS) o tabagismo vitima anualmente aproximadamente três milhões de pessoas por todo o planeta, causando ou beneficiando o aparecimento de cerca de 25 doenças. Devido às pesquisas que mostraram as implicações dessa droga à saúde humana, governo de vários países, inclusive o Brasil, juntamente com organizações da sociedade civil e organismos internacionais, uniram-se em campanhas contra a nicotina tabagista.

Estudos realizados em nosso país apontam o álcool e o cigarro, como as drogas de uso freqüente, mais propagadas pela classe estudantil. O uso de ambas começam muito cedo e com o passar dos tempos, se freqüentadas

regularmente, pode aumentar a necessidade de consumo dos usuários, o que os prejudicam ainda mais.

O cigarro além de prejuízos à saúde de um modo geral, também traz déficit à aprendizagem. A família tem que somar forças com a escola contra essa droga. É em casa que a responsabilidade se inicia. Os pais devem estar atentos e alertar seus filhos tanto para os malefícios acarretados por ele, quanto pela perda da qualidade de vida. A escola por sua vez deve permanecer atenta complementando os esclarecimentos e servir de fiscalizadora alertando os responsáveis quando necessário.

Tudo isso é muito difícil, uma vez que em certos casos a própria família ou os funcionários da escola não servem de exemplo. Contudo, o esclarecimento é primordial para que cada um possua a chance de escolher o melhor caminho para sua vida.

O fumo para muitos não é gerador de violência. Porém, se o analisarmos relacionando com ela, veremos que isto não procede. O cigarro pode camuflar a maconha, cujos efeitos são conhecidos e temidos. Quantas pessoas sob o seu efeito praticaram atos violentos de forma explícita? Por outro lado é sabido que o cigarro é uma forma de se iniciar no mundo das drogas. O fumante tem mais chance de conhecer a maconha que o não fumante, em tese. Existe ainda o vício do tabagista. O indivíduo para mantê-lo, já que a falta da nicotina no sangue lhe dá sintomas indesejáveis, chega a furtar ou roubar para conseguir o dinheiro para sustentar este vício. Isso ocorre com aqueles com dificuldades financeiras geralmente, mas ocorre e é isto que amedronta.

Esta droga acarreta tantos problemas, que até quando o fumante opta por parar, tem contratempos. São os efeitos da abstinência a que me refiro. Irritação, nervosismo, falta de concentração, tremores... Esses efeitos em um aluno torna o seu espaço escolar mais vulnerável a ser palco de conflitos.

Isto é uma pequena amostra do que o cigarro pode fazer e de como está ligado à violência. Imagine tudo isto dentro da praxe escolar...

4.3. DROGAS LÍCITAS DE USO ILÍCITO.

De acordo com o Órgão das Nações Unidas para o Controle de Drogas existem duas categorias deste tipo de entorpecentes: são as narcóticas e as psicotrópicas. Como exemplos deste podemos citar os produtos farmacêuticos que atuam sobre o sistema nervoso central causando dependência, como os alucinógenos, estimulantes, depressores e alguns analgésicos. E em relação aquele, podemos exemplificar o ópio, seus derivados como a morfina, codeína e heroína e ainda os narcóticos sintéticos, conhecidos como methadona e pethidina, entre outros.

Calmantes, anfetaminas, anticolinérgicos, lasbitíricos, orexígenos, anabolizantes e solventes inalantes têm sido usados ilegalmente e de forma abusiva pelos jovens, o que é inquietante. Isso ocorre pelo fato de serem de baixo custo e fácil aquisição.

Galduróz (1996) argumenta que as drogas inalantes são de grande popularidade entre os adolescentes, segundo suas hipóteses, pela tolerância social que os familiares e a sociedade tem para com elas; o fácil acesso, já que podem ser encontradas na própria residência, como a acetona, esmaltes, removedores e o custo, o qual é muito baixo. Cohen (1996), menciona também o efeito rápido dessa substância no organismo, a qualidade e o padrão das reações químicas e a facilidade da questão legal.

A inalação voluntária de substâncias voláteis para alterar o psiquismo é muito perigosa. Primeiramente ocorre uma estimulação tipo euforia e depois uma depressão do Sistema Nervoso Central, podendo levar o indivíduo ao coma ou à morte. As mais usadas são: lança-perfume, cola e éter.

O uso dos narcóticos e psicotrópicos são ameaçadores para a convivência escolar. Alunos drogados não possuem consciência dos seus atos e ficam mais sujeitos a cometer atos de violência e vandalismo, influenciados pelos efeitos dessas substâncias químicas. Nessas horas, tudo pode acontecer.

4.4. DROGAS ILÍCITAS.

As drogas ilícitas mais conhecidas são: maconha, heroína, crack, LSD. Elas são consideradas ilegais e vistas como um problema de âmbito judicial. Esta questão envolve aspectos psicológicos, sanitários, educativos, políticos e sociais, o que se faz necessário uma integração entre as nações preventivas, de controle e de tratamento.

Os estudantes são muito visados pelos traficantes, pelo fato de serem persuadidos facilmente em relação às drogas, por isso, as escolas são um alvo importante nas ações dos bandidos do tráfico que ultrapassam seus muros, tornando-a um local sitiado. Nessa ótica, a localização deste prédio é fator essencial para mensurar a quantidade de exposição dos alunos a estas substâncias ilegais. Quanto mais vulnerável à difusão de drogas for à área escolar, maior será a exposição dos alunos.

Os criminosos instalam seus pontos de vendas nas imediações dos ambientes escolares na forma de ambulantes, bares e outros, o que facilita a aquisição pelo estudante. A droga mais propagada pelos alunos é a maconha, onde a predominância de uso está concretizada pelo sexo masculino, o qual também é campeão no uso da cocaína.

São muitos os motivos que os jovens alegam para o uso das substâncias químicas ilegais. Para Zecker (1985), o que mais alegam é que o uso representa uma fuga da realidade, já Sissa (1999), diz que a alegativa mais presente está relacionada às angústias existenciais, perspectivas filosóficas relacionadas ao prazer. Por outro lado, Vizzolto (1986), afirma que o problema das drogas é bem maior, pois está enraizado na sociedade, na família e na própria pessoa. Sendo que a sociedade atual é estimulante no que se refere ao uso indevido e abusivo dessas substâncias. Para finalizar, Ferranini (1982), enumera outros motivos: influência dos amigos; frequência de maus ambientes e falta de orientação da escola.

Alunos drogados são um perigo para os centros educativos. Eles não possuem senso de responsabilidade, ficam mais “corajosos” e assim, fazem o que sua vontade ordena, mesmo que sua ação prejudique alguém. Quantos assaltos,

assassinatos, brigas, ocorrem nesses momentos? Mas, as drogas não causam somente isto, ainda existe outro ponto negativo: o tráfico dentro da escola.

O tráfico surge para os jovens como uma forma de ganhar dinheiro fácil e suficiente para satisfazer suas vontades. O traficante também é visto por eles, como alguém poderoso, com dinheiro e respeitado por todos. Devido a essa visão catastrófica entram neste mundo, intencionando chegar a este patamar. Como para eles, sendo alunos, o acesso à escola é permitido, acabam negociando estes produtos dentro da própria instituição escolar que freqüentam.

Este comércio criminoso interfere bastante no ambiente educacional. Existe uma grande possibilidade de uma disputa violenta por causa da ação do tráfico, principalmente quando algum membro da comunidade escolar está envolvido, seja como usuário, seja como integrante. O resultado são as maiores violências. Quando se trata de disputa entre traficantes a vulnerabilidade escolar é totalmente perceptível. As mediações escolares viram verdadeiros campos de terror, deixando expostos alunos, professores e pais.

4.5. GANGUES.

Segundo Abramovay (2004), gangue é um vocábulo usado para definir uma organização juvenil ligada a atos de vandalismo e violência. São grupos, razoavelmente, estruturados com uma rede de relações eficiente e códigos próprios. Os integrantes são tão ligados entre si, que muitas vezes, são como se fossem uma família.

Avenel (2004), afirma que existem elementos característicos referentes às gangues:

- ✓ São ligados à territorialidade;
- ✓ Seus membros são do sexo masculino;
- ✓ Funcionam fora do olhar dos adultos;
- ✓ Possuem caráter efêmero;
- ✓ São diversificadas entre si.

Normalmente os comportamentos destes jovens são marcados por atitudes que sugerem masculinidade, para eles. Nas escolas existem muitos alunos que pertencem a gangues ou que adotam sua forma de portar-se. Observa-se muito isto nas brigas que ocorrem entre os alunos, um indivíduo forma um grupo para defender um colega e posteriormente este grupo se desfaz.

As gangues interferem bastante na rotina escolar e de várias formas: quando ficam contra algum aluno; quando invadem o colégio atrás de um estudante para acerto de contas; quando brigam para demarcar territórios ou provar algo. Todo este comportamento violento é vivenciado e temido pelos estudantes e membros da escola.

Quando estes grupos estão presentes nos colégios o local de ensino torna-se um ambiente de resolução de conflitos e disputas, gerando um clima de tensão e violência escolar. Isto causa um sentimento de falta de proteção que acaba sendo reforçado pela falta de preparo e condições dos adultos para lidar com o problema. Essas situações geram tensões comprometendo as normas disciplinares e as relações sociais, além de abalar a qualidade de ensino e a efetividade dos processos pedagógicos.

4.6. Relação Família, Escola e Violência.

O papel da família é de uma essencialidade imensurável na construção do homem. Sua função inicia-se desde o básico que é o de proporcionar um ambiente saudável até o mais complexo que é um relacionamento adequado.

A violência doméstica, seja contra o próprio ser em formação ou contra seus afetos, causa muitos prejuízos, principalmente, psicológicos. A criança que cresce neste tipo de realidade tende a ser violenta, a ser um adolescente agressivo e um adulto, às vezes, perigoso. Isso ocorre pelo fato do indivíduo se desenvolver sem conhecer fatores primordiais para a construção de um ser equilibrado, como carinho, amor, apoio e diálogo.

Os exemplos familiares também devem ser observados. É no lar que os ensinamentos devem ser iniciados para posteriormente praticados na escola e na vida coletiva. O respeito, conceito básico para a vida de qualquer ser humano, por exemplo, é aprendido primeiramente no berço familiar e reforçado no cotidiano com a prática.

A família é o primeiro contato e sendo assim deve ter toda a atenção com o sujeito que forma. Negligenciá-lo é uma maneira de contribuir para o crescimento da violência o que em muitos casos ocorre.

A instituição familiar é um espaço importante de relacionamento social neste processo de formação de pessoas. O apoio encontrado dentro dela é o início para a formação de um ser apropriado para a convivência em sociedade Mas apoiar

vai além da presença nos momentos mais difíceis da vida é orientar sobre o certo e o errado, e ajudar na definição de conceitos morais, enfim é ser o pilar onde se apóia para no futuro se caminhar sozinho.

A relação família e escola é muito importante. Juntas são uma arma imbatível contra a violência nos recintos escolares. Cada uma desempenha uma função que complementa a educação dada pela outra. Porém, hoje em dia muitos pais vêem a instituição escolar como centros básicos de educação, locais destinados para ensinar, orientar e disciplinar crianças e adolescentes, delegando a educação familiar, exclusivamente, às escolas. Mas, a verdade é que os centros educativos deveriam ser parceiros dos pais, e não trabalharem assumindo seu papel. Esta visão dos responsáveis prejudica o desempenho não só da escola, como também do próprio filho. Este conflito de papéis reflete-se no comportamento destes jovens. Sem a orientação correta, desconhecem certos limites e passam a ser indivíduos difíceis.

A participação familiar no desenvolvimento da pessoa é primordial. Quando falta, ocorre um desequilíbrio. O primeiro local a sentir é a escola, pois é nesta que se inicia a vida social do sujeito. Então vemos intolerância, desrespeito, brigas, isto é, violência. Escola e família devem trabalhar juntas, cada uma assumindo o seu papel e consolidando uma parceria que sempre dará certo.

Capítulo 5

POLÍCIA NAS ESCOLAS

O fato da violência está diluída nas instituições escolares, dá margem à criação de vários grupos de debate com o propósito de encontrar a solução adequada para esta problemática. Às vezes, projetos positivos simples como a criação de uma rádio escolar dirigida pelos próprios estudantes, amenizam a situação de violência, outras vezes não surtem efeito. Quando as idéias se esgotam, uma parece ser a mais lógica: Polícia na Escola!!!

A presença policial passa um sentimento de segurança e proteção. Mas, para certos alunos tal sensação é distorcida, mesclando-se desconfiança e medo. Nos últimos anos esta medida interventiva vem sendo utilizada para coibir a violência. Este processo se desenvolve de várias formas, dependendo da localidade e da estrutura escolar que adota. Muitas pessoas são a favor deste tipo de procedimento e outras são contra, pois defendem a possibilidade dele pôr em risco a vida, já que a providência em questão está vinculada à inibição e a interferência de crimes e delitos, onde podem ocorrer situações perigosas.

5.1. PRESENÇA POLICIAL: Benefício ou Malefício?

A presença policial tem sido, para inúmeras escolas espalhadas em todo país, uma alternativa interveniente de resolução rápida e é representada pela Polícia Militar e a Guarda Municipal.

Segundo a Constituição Federal, a Polícia Militar é responsável pelo policiamento ostensivo, a fim de inibir a ação criminosa e atuar, quando necessário, para preservação da ordem pública. A Guarda Municipal cuida da proteção dos bens que integram o patrimônio do município, como as escolas municipais, praças e jardins.

Analisando as funções de ambos percebemos que não é nenhum absurdo, com a violência atual, ter estes profissionais como aliados da escola, mesmo que para alguns esta idéia não seja simpática.

De modo geral, o trabalho dessa turma se concentra nos arredores das instituições, o que não quer dizer que não atuem dentro desta. Mas, apesar de todos possuírem funções bastante definidas, suas presenças, em alguns momentos, podem assumir muitos delineamentos, que vão além das suas atribuições legais, como a expectativa da polícia resolver os problemas que ocorrem dentro do prédio escolar e que não dizem respeito a ela.

A presença destes funcionários especiais tem lados positivos e negativos. Quando eles atuam na área interna dos ambientes escolares, podem acarretar uma dúvida nos alunos, em relação a quem tem o poder e o controle, criando uma imagem nebulosa do poder hierárquico institucional, desqualificando a autoridade dos funcionários da mesma. A administração escolar torna-se bem complexa e delicada, já que não fica nítida esta questão para os estudantes, pois é como se o poder da polícia aparentasse uma força maior que o poder da administração escolar.

Pode-se existir também o abuso de poder, tão comum em histórias relacionadas a estes profissionais. Esta conduta errada amedronta os estudantes, que formam uma imagem negativa desta figura, a qual, a priori, estaria ali para assegurar um clima de tranqüilidade ao local. Esta imagem influencia condutas inadequadas repletas de rebeldia ou inibe o comportamento, fazendo do ambiente escolar um local desconfortável.

Um fator negativo defendido pelos que são contra esta medida, põe em evidência a proteção da vida dos participantes de toda a comunidade escolar. Alegam que não é raro policiais despreparados e o fato de atuarem contra delitos, crimes e condutas inadequadas, podem resultar em situações conflituosas, vulneráveis a níveis de violência que podem causar danos inadmissíveis ou até irreparáveis.

Em contrapartida, a presença de policiais e guardas aponta um aspecto positivo, quando se trata de pessoas qualificadas para o desempenho da atividade. Os números de casos violentos e de vandalismo decaem de modo que todos se sentem mais seguros e tranqüilos para freqüentar a escola. Isto não pode ser negado e muito menos tratado com insignificância. É esta realidade que fazem com que os dirigentes optem por esta opção tão permeada de opiniões.

Porém, para Furlong (2000), é fundamental o relacionamento entre alunos e professores na construção de um espaço protegido da violência. Destaca também que a violência escolar deve ser vista como um problema educacional e sendo assim, tem que ser debatida profundamente entre os membros do corpo técnico-pedagógico e discutido dentro das salas de aula. O professor atua de forma ativa problematizando o assunto. Deixar a situação a cargo dos profissionais

de segurança, sejam eles públicos ou privados, é uma maneira de adiar a solução final do problema.

5.2. PENSANDO NO ASSUNTO.

É muito complexo opinar a respeito da presença de policiais e guardas municipais nas sedes ou imediações escolares. Percebe-se que esta problemática possui dois pontos opostos. O primeiro reflete segurança, visto que a função destes profissionais é a de interferir e inibir a violência, de modo a preservar a ordem pública e a segurança de todos. Por outro lado, não podemos esquecer que neste tipo de trabalho as situações nem sempre são pacíficas e não são raras aquelas pessoas despreparadas exercendo tais atividades.

Essas duas características causam pensamentos bem diversos, tornando o assunto complicado para se chegar a um ponto comum. O importante é nos conscientizarmos que as primeiras mudanças para a paz de todos, começam dentro de cada um de nós. Nossas atitudes é que transformam todos ao nosso redor.

Polícia na escola é um tema que merece muita atenção. Dentro dele, além da violência, surgem subtemas que igualmente são importantes. A qualificação dos profissionais em questão é um exemplo disso. Quando despreparados, o que seria uma solução pode tornar-se um outro problema, com poder de agravar ainda mais o quadro de violência escolar.

É necessário calma e prudência em relação a um tema tão delicado. Se a polícia na escola é fundamental ou não, isto somente a realidade da

instituição poderá dizer e mesmo assim, depois de analisar todos os pontos negativos e positivos, até porque este projeto tem efeito suspensivo e não educativo. O correto seria que concomitante a esta alternativa, existissem atividades pedagógicas que conscientizassem os alunos sobre todos os fatores de risco promovedores de violência. Conscientes, ficariam mais espertos e atuariam como agentes facilitadores da paz. Exterminar a violência é difícil, mas para controlá-la só depende de nós.

Capítulo 6

ESCOLAS INOVADORAS

As escolas inovadoras são uma alternativa inteligente para o combate da violência. Evidenciam formas de atuação que são consideradas inovadoras, por serem novidades revigorantes para o desempenho escolar. Sua dinâmica adota atitudes e ações efetivas, que combatem os obstáculos que interferem no bom funcionamento da escola e na aprendizagem dos estudantes. Sua forma de educar promove a integração e a transformação da convivência escolar, tornando-a prazerosa e produtiva.

As instituições escolares que colocaram em prática suas idéias, hoje, já colhem os frutos gratificantes deste trabalho.

6.1. Caracterização das Escolas Inovadoras

Para se encontrar uma solução relevante que resulte efeitos eficazes, uma das formas é discutir sobre a violência escolar tendo como base que programas com sucesso podem transformar a realidade contemporânea; criar novas expectativas e possibilitar relações sociais produtivas, positivas e agradáveis. Nesse sentido surgiram as escolas inovadoras.

6.2. Uma História de Sucesso: Colégio Márcia Meccia, Salvador – Bahia.

Por ser interessante a dinâmica utilizada pelas escolas inovadoras e intencionando mostrar como podem ser aplicadas suas idéias e os resultados gratificantes dessa ação educativa, relatarei a história do colégio Márcia Meccia, localizado na cidade d Salvador, Bahia, em um bairro chamado Mata Escura, situado na periferia da capital (Derbabiense, 2003).

Este colégio, segundo os professores, possuía a violência escolar como principal dificuldade para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, de modo tão intenso, que extrapolava os limites da convivência, interferindo muito negativamente. Havia agressões físicas e verbais, ameaças, furtos, desleixo com o material escolar, entre outros. Os docentes, muitas vezes, se recusavam a ministrar as aulas, alegando a falta de respeito dos alunos para com eles. Todos estes problemas transformavam a praxe escolar em um verdadeiro caos.

Analisando o que, possivelmente, poderiam ser as causas responsáveis por estas condutas reprováveis dos jovens, foram destacados: falta de uma educação familiar; violência doméstica; falta de amor e proteção dos pais para com os filhos; estereótipos atribuídos aos alunos e etc.

Dentre as muitas soluções encontradas para a resolução da solução instalada, a mais importante referia-se a promoção de um envolvimento entre a escola, os professores, os pais dos alunos e a comunidade local. Outras alternativas foram postas em prática, a maior parte delas visando a melhoria do processo educacional, dentro e fora dos muros do colégio.

O início do movimento inovador se deu com a implementação da várias atividades. Houve debate sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde reuniram-se autoridades no assunto, os pais e a comunidade; palestras a respeito das drogas, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis; escolha de uma data chamada de “Dia ‘D’ contra a violência”, entre outros acontecimentos. Tudo isto tinha como objetivo a integração.

No âmbito escolar, foram realizadas ações promovedoras de arte e cultura, como peças teatrais, painéis, composição de músicas e outros. Os alunos ficavam tão felizes, que antes era o que mais percebia na escola, agora era tema de questionamento e ação educativa, como por exemplo, a “caminhada pela paz”, que reuniu cerca de duas mil pessoas e contou com o apoio da Polícia Militar, Associação do Bairro Mata Escura, Associação dos Cabos e Soldados da Prefeitura Municipal de Salvador, Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, escolas públicas e privadas e comerciantes locais.

Atividades de incentivo e reconhecimento também foram implementadas, objetivando a continuação de condutas e atividades benéficas. Ocorreram premiação aos pais que se destacaram no acompanhamento sistemático dos trabalhos realizados pelos filhos; troféu de melhor professor e várias oficinas nas áreas de educação artística, exemplos: Projeto de Teatro, Projeto Capoeira, Coral e Grupo de Dança.

O resultado de adotar esta educação inovadora foi dos melhores. As mudanças podem ser sentidas em todos os momentos da escola e não somente em algumas ocasiões. Atualmente, nota-se a elevação da auto-estima de toda a comunidade, por contribuir e participar efetivamente da gestão escolar; um maior

interesse dos alunos, por se sentirem como agentes capazes; há o envolvimento de vários parceiros e colaboradores, por se sentirem valorizados e divulgados; a conduta de vários estudantes melhorou muito, por se sentirem inseridos na sociedade e com uma nova visão de futuro e etc.

Evidente que tudo não é perfeito. Existem obstáculos a serem superados e muito para se trabalhar. O importante é que este tipo de educação surge como uma esperança para melhorar a situação crítica de violência escolar. Esta opção, sem dúvida, transforma e apresenta pontos positivos, pois integra fatores indispensáveis na formação do indivíduo: família, escola e sociedade. Quando o trabalho prioriza aspectos fundamentais, inevitavelmente será produtivo. É importante estarmos abertos às novidades, temer o novo pode ser covardia e, às vezes, detrás do desconhecido, está a solução que tanto almejamos.

CONCLUSÃO

A violência nas escolas nos faz admitir que o sistema educacional está em crise por não saber como enfrentar os vários ângulos desse fenômeno, o qual não pode ser estudado unicamente enfocando somente a escola, pois se sabe que existem pontos muito mais complexos relacionados a este tema, como a própria estrutura da sociedade brasileira, as desigualdades econômicas e sociais, os valores morais e os comportamentos individuais.

No ambiente escolar há situações que tendem a facilitar a violência, como atos de indisciplinas, agressões entre os docentes e discentes, vandalismo, carência dos recursos humanos e materiais, falta de diálogo, espaço físico desorganizado, gestão autoritária, entre outros. Estes fatores prejudicam a qualidade do ensino, resultando na desvalorização da instituição, marcando negativamente seus alunos e conseqüentemente familiares e comunidade.

A violência que discutimos aqui representa um estado e não uma característica. Significa que se pode melhorar de acordo com os processos pelos quais cada estabelecimento passa. Algumas mudanças tipo: novas formas de administração, democratização do espaço escolar, conservação da estrutura física do prédio educacional, já começam a destacar resultados significativos e muito satisfatórios.

Ortega (2001), já afirmava que um modo de ação preventiva que trata da melhora do sistema geral de convivência escolar, está vinculado a programas de gestão democrática, trabalhos em grupo, educação sentimental e moral. Esse tipo

de intervenção é algo que deve ser sustentado ao longo do tempo para produzir frutos.

Para que esse problema encontre uma solução importante é indispensável à disponibilidade dos atores escolares e de toda a sociedade, analisar os fatores de risco e desenvolver projetos que atuem de modo a melhorar a realidade que vivemos, é o primeiro passo nessa luta contra a violência.

Não podemos esquecer da família. Esta é à base de tudo. O indivíduo que tem a sua formação amparada no amor e na atenção familiar consegue superar todos os obstáculos sem nenhuma conseqüência. Um ambiente doméstico saudável proporcionará ao sujeito tudo que for necessário para desenvolver-se, assimilando todos os conceitos fundamentais para a vida e distinguindo o certo e o errado.

Família e escola é uma dupla que sempre trará bons resultados para a sociedade, pois uma complementa a educação da outra e assim, formam os cidadãos conscientes, futuros de um mundo bem melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das Escolas: Entre Violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência nas Escolas, Ministério da Educação, 2005.

ABROMOVAY, Miriam; et. Alii. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary. **Drogas nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Airton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Farol, CONSED, UMDIME, 2002.

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 5. ed., São Paulo: Atlas, 2001.

BOLLONE, G. J.. **Violência e Agressão; da Criança, do Adolescente e do jovem**. In. Psiqweb. Psiquiatria Geral: Internet, 2001. disponível em: <<http://sites.uol.com.br/gballone/infantil/conduita2.html>> acessado em 01/06/2007 às 9:15h.

DEBARBIEUX, Eric; Et. All. **Desafios e Alternativas: Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003.

DEBARBIEUX, Éric. **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DICIONÁRIO Prático Ilustrado. Edição actualizada e aumentada por José Lello e Edgar Lello. Porto-Portugal: Lello & Irmão, 1988.

FERREIRA, Luiz Gonzaga Rebouças. **Redação Científica: como escrever artigos, monografias, dissertações e teses**. 4. ed. rev. Fortaleza: EDITORA UFC, 2004.

KOOGAN, André. ; HOUAISS, A. (Ed.) Enciclopédia e dicionário digital 2000. Dir. Ger. André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão, 2000. CD-Rom.